

BENTO

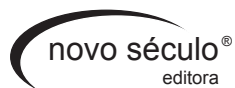
HERÓI HUMANO
INIMIGO VAMPIRO

André Vianco

BENTO

HERÓI HUMANO
INIMIGO VAMPIRO

7ª reimpressão – julho/2008



São Paulo 2008

Copyright © 2003 by Novo Século Editora.

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Sergio Gzeschnik
CAPA Christian Pinkovai
REVISÃO Érika Moraes
Maria Rosa Kushnir
Salete Milanesi Brentan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vianco, André
Bento : “Herói Humano, Inimigo Vampiro” / André
Vianco. Osasco, SP : Novo Século Editora, 2003.

1. Ficção I. Título

03-6107

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Brasileira 028.5

2008

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar

Osasco – SP – CEP 06023-010

Fone (11) 3699-7107

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Agradeço à amiga Martha Argel pelas dicas de impacto ambiental. Grande garota!
Agradeço também a todos os leitores que entraram em contato via e-mail cobrando um novo livro. (Aqui está, gente!)
Agradeço a todos que vêm lendo e comentando sobre os livros deste escritor para os amigos, parentes, professores e todo ser que anda e lê sobre a terra.

Beijão e abraços para todos.

Este livro é dedicado aos meus tios:
Negão (Zélio) e Del (Vandélio).

Olhando de perto... nossa
vida é bem feia.

CAPÍTULO 1

Abriu os olhos. O lugar estava escuro. Só isso sabia. Que estava num lugar escuro. Flexionou os dedos, sentindo e ouvindo-os estralar. Os braços estavam estendidos, rentes ao corpo. A garganta seca. As costas doloridas, como se tivesse dormido mais do que de costume. Precisava levantar e tomar água. Quis erguer os braços, mas estava fraco. Dor. Confusão mental. Onde estava? O estômago ardia e a garganta seca incomodava mais uma vez. Não estava em sua casa... Uma sensação estranha. Como aquelas de infância quando vamos dormir no sítio do tio e acordamos assustados de manhã, olhando para o teto, encontrando um cenário tão diferente do nosso habitual. Nessas horas a gente leva um instante para lembrar... Lembranças. Sentiu medo. Tentou levantar-se novamente, mas a fraqueza impedia. Sentiu espasmos musculares nas pernas e braços. Cãibras. Dor. Soltou um gemido entredentes. Tentou pedir ajuda, mas a voz não saiu. O estômago queimava. Tinha alguma coisa espetada no braço. Uma agulha! Não podia ver, mas sabia que tinha uma agulha enfiada no braço. O medo novamente. Os olhos arregalaram e os globos dançaram nervosamente. Onde estava? Não era seu quarto! Sabia que não era! Não estava em sua casa! Respirou fundo repetidas vezes, com o peito subindo e descendo, parando de se retorcer de dor e desespero por um momento. Tentava lembrar-se... mas não conseguia. Como eram os móveis em seu quarto? Não conseguia se lembrar de sua casa, mas sabia que estava longe de lá. Em sua casa não estaria com uma agulha espetada no braço! A mente clamou por calma. Tentava recuperar o controle da respiração. O coração batia disparado. Talvez estivesse amarrado. Por isso não conseguia se mexer. Estava amarrado. Respirou fundo. Onde estava? Deus do céu! O que tinha acontecido com sua casa? O que tinha acontecido consigo? — perguntava-se atropeladamente. — Seqüestro? Doença? Onde estava a luz? Desespero. Os olhos começaram a lacrimejar intensamente, a

ponto de ter lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos, descendo em direção dos ouvidos, posto que se encontrava deitado. Não conseguia nada além de flexionar os dedos doloridos das mãos. Os artelhos estralaram e também doeram na primeira flexão. Fechou os olhos. Abertos ou cerrados era indiferente. Nada tinha além da escuridão absoluta e do desprazer da consciência. Uma única coisa diferia com os olhos fechados. Uma ponta de segurança. O medo diminuía. Era como mergulhar num canto seguro. Imaginar proteção. Voltava a um lugar conhecido. Voltava para dentro de sua cabeça. O peito doía. Tentou lembrar-se da noite passada. O que tinha feito antes de dormir? O que tinha comido? Pizza da Tomanik? Um Tchê Filet? O medo voltava a crescer. Desespero. Não conseguia lembrar. Não conseguia. Não tinha memória! Não tinha vida!

Despertou depois de algumas horas. Tinha tido um pesadelo horrível. Tentou levar a mão à testa. Realidade terrível. As mãos continuavam atadas à cama. E aquela dor aguda no braço. Algo na vena... vena? Não. Confusão. A palavra certa era veia, não vena. Dor de cabeça. Tossiu. Garganta seca e dolorida. Fome. Uma fome do cão. Uma fome dos infernos. Sede. Precisava de água. Puta merda! Dor nos músculos. Queria ficar de pé. Chacoalhou-se na cama. Um barulho. Passos. Um facho de luz. Fez um barulho. Um som gutural escapou da garganta... o que deveria ser um pedido de socorro soara como um resmungo. Precisava de ajuda. Calou-se. Conteve a saliva na garganta, evitou engolir. Pensou. E se aqueles passos não viessem de um amigo? Poderia ter sido seqüestrado. Podiam ser os pés do inimigo. O responsável por estar preso e com uma coisa espetada no braço. Os músculos doíam tanto. Não devia ter se chacoalhado. Agora tudo doía. Virou a cabeça e apurou os ouvidos. Passos e vozes. Eram dois ao menos. Fechou os olhos. Fingiria dormir. Talvez passassem por ele sem incomodá-lo. Precisava descobrir onde estava e o que fizera na noite anterior. Relembrar os últimos passos. Mas aí o medo voltava. O pavor. Não se lembrava de nada. Nada! Onde morava? O que fazia? Deus! Amnésia. Só podia ser isso. Não conseguia lembrar. Lembrava a droga do termo médico, mas não lembrava o nome do modelo de seu carro. Carro... Aquietou-se. Fuxicavam. Podia ter sido um acidente

de carro. Falavam baixo para que ele nada ouvisse. Quem seriam? Aproximavam-se. Fechou os olhos. Sabia que estavam parados ao seu lado. Fingiria-se de morto. Mas e se fossem a salvação? A resposta para as perguntas? Sentiu dedos forçando sua pálpebra. Abriam-lhe os olhos contra a vontade. Um fecho de luz cegante. Explodiu num grito.

— Falei que este aqui também tava.

A mão forçou o olho mais uma vez. A luz encheu e queimou o globo. Um gemido em protesto. Um pigarro seco.

Abriu os olhos. Dois homens com aventais brancos. O mais baixo anotava numa prancheta. O mais alto, de bigode, ajustava um estetoscópio na orelha e colocava o espelho frio em seu peito; na outra mão trazia uma lanterna.

— Me ajudem... — gemeu a voz fraca do homem deitado e amarrado.

Os homens pareciam ignorá-lo. Nenhuma palavra de amparo.

— O que você acha que ele é?

— Como vou saber? Ele acabou de acordar. Demora uns dias.

— Ah... — exclamou o outro, como se fosse novo no serviço.

O de bigode estalou os dedos junto ao tímpano do examinado. O homem assustou-se e virou os olhos para ele rapidamente.

— Reflexos bons. Está ouvindo, pelo menos. Tem cada um. — disse, enfadonho. — Anota aí.

O mais baixo obedeceu.

O de bigodes olhou para o examinado. Fitou-o por uns segundos.

— Sabe teu nome? Lembra-se de alguma coisa?

O paciente meneou a cabeça negativamente. Engoliu em seco, semicerrando os olhos, atordoado pela luz. Deus do céu! Não lembrava nem de seu próprio nome.

— Anota aí.

— Me ajuda. — clamou o recém-desperto. — Onde estou?

— Eles vêm te buscar em algumas horas. Tu e o outro. Vão explicar tudo pra ti. Tenta relaxar. Boa sorte.

Quis reclamar, mas a voz não saiu.

Os homens deixaram o lugar. O fecho de luz desapareceu. Escuridão.

“Eles vêm te buscar em algumas horas.”

André Vianco

Fechou os olhos. Respirava profundamente. Deixando o peito magro encher completamente e depois esvaziar até o último litro. O que estava acontecendo? Sufocou-se com um engasgo involuntário. Lágrimas descendo pelo rosto. Droga! Não lembrava do próprio nome.

CAPÍTULO 2

Acordou com barulho novamente. Passos aproximando-se. Fatos de luz dançando no seu campo de visão. Luz de lanterna. Fatores de risco. Pensava em fatores de risco. Tentou manter os olhos abertos. Alcoolismo? Ninguém era trouxa de preencher esse campo com um sim. Ano da habilitação? Família? Apertou os olhos. As luzes perto. Moveu a cabeça, estirando-a completamente para trás. A pele do pescoço tesa. O gogó saliente. O cabelo crispado contra o leito. Tentava ver quem vinha. Pareciam dois. Dois homens. Podia ver, de ponta-cabeça, a luz batendo nas paredes. Pareciam recobertas por azulejos brancos. Do chão ao teto. Um hospital? Só podia ser. Não ouvia vozes desta vez. Eles vinham em silêncio. Seriam os mesmos homens de antes? Possivelmente. Lembrou-se que o modelo era importante. O ano. Às vezes, o modelo diferia do ano, então alterava o valor. Apertou os olhos. Por que pensava nisso agora? Modelo? Ano? Tinha que se concentrar nos homens chegando. Tinha que se concentrar. Duas lanternas em seu rosto. Não conseguiu manter os olhos abertos. A claridade incomodava absurdamente. Não eram os mesmos homens. Usavam os mesmos aventais, mas não eram os de antes. Eram mais altos e mais fortes. Usavam óculos grossos... óculos de segurança, todo feito em acrílico. E tinham máscaras para respirar. O paciente voltou a respirar rapidamente, aflito. Estavam tão protegidos, tomavam tantos cuidados... logo, só podia estar doente. Só podia ser isso. Tinham os olhos diferentes. Olhos verdes. Sentiu a cama ser deslocada. Era uma maca com rodas. Passou a deslizar pela sala. Podia ver outras macas. Deus! Sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Apesar da penumbra... podia estar certo. Pouca luz vazando do foco das lanternas, mas podia ver outros corpos! Mais gente... parecia gente morta. Quantas camas existiriam? Passou por dezenas. Dezenas. E a luz das lanternas era tão fraca, não conseguia ver muito, não conseguia ter certeza de

muita coisa. Os olhos voltaram-se para o teto. Nenhuma lâmpada. As luminárias estavam vazias. Não estavam apagadas. Estavam vazias. A luz nunca chegava ali. Só por aquelas lanternas daqueles homens estranhos. Para onde estava sendo levado? Pigarreou, preparando a garganta seca e teimosamente dolorida.

— Onde estou?

Os homens olharam ligeiramente para o recém-desperto. Voltaram a prestar atenção no caminho.

— Pelo amor de Deus, não me ignorem. — reclamou o homem, pigarreando novamente. — Onde estou? O que aconteceu comigo?

— Não podemos falar. Ainda não é hora.

— Só queria saber onde estou... por que não podem me dizer?

— Você não está preparado.

Calou-se.

Continuou sendo conduzido por um extenso corredor, igualmente recoberto por azulejos brancos. Luz. Fechou os olhos. Dali em diante havia luz. Surgiram intercaladas uma luminária acesa e duas sem lâmpadas. Quando passava pela iluminação mais abundante era obrigado a espremer as pálpebras. Os olhos arredios rejeitavam a claridade. Dor de cabeça. O corpo fraco. Sede. Pôde ver sua pele pela primeira vez. Impressionou-se com a magreza dos braços e a brancura da derme. Estava doente, visivelmente doente. Podia ver seus ossos!

— O que eu tenho? Estou doente?

— Fica quieto que é melhor. Depois a gente fala.

— Eu vou morrer?

Os dois riram, sem parar de conduzir a maca. Não falaram mais com o desperto, não responderam as perguntas. Apertaram um botão. Viram o paciente girar os globos oculares em todas as direções.

Por que tinham parado? O que era aquele botão luminoso. Barulho escapando detrás da porta. Sede e dor. O estômago queimando.

— Preciso de água. Pelo amor de Deus! Só um gole.

Os homens ignoraram.

O barulho aumentou atrás da porta. A porta dividiu-se, abrindo passagem. Um cômodo apertado esperava do outro lado. Entraram com a maca. Girou os olhos. Um painel com oito círculos numerados. O mascarado escolheu um deles. O cômodo balançou.

Sensação estranha na barriga. Sabia o nome daquilo. Elevação... elevativo... não... elevador. Um elevador. Os homens tiraram as máscaras. Estranhou. Se estava doente, se precisavam de máscaras lá embaixo... por que estavam tirando agora?

O elevador abriu a porta novamente. Mais uma vez a maca trafegou por um corredor. Pararam. Uma porta foi aberta. Havia luz na sala toda. A maca foi conduzida até o centro do ambiente. Um dos condutores, sem aviso ou preparo, puxou a extensa agulha do braço do desperto. Um pouco de sangue vazou na dobra interna do cotovelo esquerdo. O homem acordado soltou um gemido breve. Estava agitado, com a cabeça girando para lá e para cá, com os olhos apertados por causa da claridade, mas tentando ver tudo.

O quarto de azulejos brancos de cima a baixo era amplo, com paredes de cinco metros em cada face. Vigorosamente iluminado. Uma das paredes comportava um vidro grosso, formando uma espécie de janela larga. Simples. Sentiu a agulha sair do braço. Gemeu. O outro libertava seus braços e pernas das cintas de couro que o mantinham imobilizado. Respirou fundo. Que raio de hospital era aquele? Que doença ele tinha? Por que não se lembrava direito das coisas?

Os homens de avental e máscaras cirúrgicas penduradas no queixo saíram, deixando o recém-desperto a sós. Agora era com ele.

Ele tentou levantar-se. A cabeça parecia que ia explodir. Estava indignado com o tratamento. Por que não lhe explicavam as coisas? Por que era assim? Piscou. Os olhos acostumavam-se paulatinamente com a luz. Sentia-se fraco. Conseguiu apoiar-se nos cotovelos, deixando o tronco elevado. Sentiu tontura. Muita tontura. Veio o enjôo. Teria sido envenenado? Como podia ter ficado tão mal de um dia para o outro? Como podia ter passado uma noite tão maldormida? Não fazia sentido. Exceto se... um calafrio ao imaginar uma terrível possibilidade. Exceto se não estivesse naquele hospital por um dia apenas. Podia estar ali há uma semana. Um mês! Teria acontecido algo com sua cabeça? Acidente. Talvez. Acidente vascular cerebral. Talvez. Não conseguia se lembrar do próprio nome... inspirou fundo. Tinha se lembrando de amnésia, do AVC, mas não lembrava a porra do nome. Sorriu nervoso. Palavra lembrava, mas o nome, não. Olhou para a grande janela. Forçou a cabeça para a frente, sentando-se no fino colchonete da maca hospitalar. As costas doeram. Estendeu as mãos diante dos olhos. Mal-estar. A pele

estava estranha. Impressionantemente empalidecida. As unhas pareciam grossas e estavam mais compridas do que costumava deixar. A mão era pele e osso. Horrível. Alterou o ritmo da respiração. As unhas dos pés também estavam compridas e arroxeadas. Fazia tempo que não as cortava. Estava nu. Não tinha percebido por causa da claridade, mas o lençol que cobria a parte baixa de seu corpo tinha sido levado com os carregadores de maca. Os pêlos negros sobre o peito pálido destacavam-se. A barriga afundava, juntando-se à pélvis, onde mais pêlos negros brigavam com a alvura cutânea. Tontura. Via bolinhas flutuando diante dos olhos. Alguma reação do corpo por colocar-se subitamente de pé. Tocou o chão com a planta dos pés. Um frio intenso subiu pelas pernas. Sentiu até mesmo o saco escrotal retrair-se abruptamente. Choques nos nervos. Cambaleou e não se conteve, caindo no piso branco de lajotas azulejadas. O corpo todo gelou. Engatinhou até a parede. Ia vomitar. Estava zozzo. A vista turvou. Os lábios tinham rachado com o esforço. Não em um ponto apenas. Ao menos três cortes em cada lábio. Viu adiante um catre preso por correntes finas à parede. Apoiou-se no catre acolchoado e sentou-se à beira. Não conteve o suco gástrico que verteu ralo, azedando-lhe o paladar e deixando a boca ácida. Pelo menos a boca fora umedecida. Deitou-se um instante na cama, esperando que o quarto parasse de girar e que os espasmos estomacais abandonassem seu corpo. Não queria mais vomitar. Não estava bem. Queria entender o que se passava. Que doença havia lhe acometido? Onde estava e, principalmente, quem era? Lágrimas molharam a face do homem. Ele não se lembrava da própria identidade e isso lhe desesperava.

CAPÍTULO 3

Adriano retirou o capacete de cima da poltrona. Passou a mão pelo curto cavanhaque. Olhou-se no espelho e benzeu-se. Deus! Sabia que a próxima missão não seria fácil. Já tinha feito muitas cruzadas. Muitas empreitadas como aquela. Mas sempre tinha medo. Muito medo. Faltavam poucos minutos para o nascer do sol. Teriam todo o dia para cruzar a estrada até a próxima cidade. O próximo forte. Tinha informações novas a levar. Informações para o plano. Estavam chegando perto de uma nova arma para combater o mal noturno. Precisava deixar Nova Luz naquele alvorecer. As coisas tinham que seguir em frente, independente de seus temores. Temia, porque sabia o que acontecia quando as coisas saíam errado na estrada. O mundo era outro desde a Noite Maldita, como ficara conhecida a noite daquele funesto evento. Trinta anos passaram-se desde então. Adriano era um moleque na ocasião. Um menino que queria aprender a andar de *skate* como o irmão mais velho. O irmão que se tornara um daqueles malditos. O irmão que nunca mais fora visto. O pai caíra em um sono profundo e a mãe tornara-se uma espécie de louca. Crescera como muitos da sua idade. Aprendendo a se virar com os sobreviventes. Arrastando a mãe para as fortificações e fugindo dos malditos durante a noite. Crescera um soldado. Um soldado bravo. Agora era peça importante na luta contra os noturnos. Era um dos escolhidos. Um dos poucos soldados a conhecer o plano. A saída alternativa para derrubar os malditos da noite.

Pegou a mochila colocada em cima da cama. A esposa, Carina, ainda dormia. Essa era a vantagem de ser um soldado importante. Tinha a casa constantemente vigiada e, com esse luxo, podia dormir a noite toda em paz. Mesmo assim não dispensava armamento pesado deixado ao lado do leito. Outro luxo. Armas de fogo carregadas. Não eram todos que as tinham hoje em dia. Munição era um artigo valioso.

Adriano vestiu uma jaqueta *jeans*. Apesar do ar morno àquela hora da madrugada, o trajeto até São Vítor seria feito em motos. Uma jaqueta sempre era uma proteção a mais.

Beijou a mulher que dormia e deixou a casa. O céu já não estava mais tão escuro. Uma claridade fraca tornava-o roxo-alaranjado. Nuvens cruzavam baixas e velozes.

O mundo estava tão diferente que, às vezes, era difícil de acreditar que se vivia no mesmo planeta. Vida: só experimentavam durante o dia, durante as horas de sol. Durante a noite, fechavam-se, protegiam-se como podiam. Defendiam-se dos malditos noturnos. Dos monstros das trevas. Fechavam-se em comunidades como aquela. Cercadas por muros altos e vigias noturnos. Olhos abertos. Só relaxavam quando o sol nascia. Mas tremiam quando o astro rei deitava no horizonte. Sabiam que a luz era a única defesa inabalável. A escuridão era a chave que libertava o mal sobre a Terra. Durante as horas noturnas, eles corriam pelas florestas, pelas matas que tomavam as cidades antigas. Os grandes centros não existiam mais. Ao menos para a humanidade. Lá os noturnos tinham se instalado, formando gigantescos e perigosos covis. Durante as noites, eles destruíam estradas. Eles destruíam hidrelétricas. Minavam as forças dos sobreviventes. Vinham para as comunidades e invadiam os recantos, atravessando os muros fortificados, buscando os vivos para deles tomarem a vida ou criarem novos escravos. Caçavam. Buscavam os adormecidos. Tramavam. Queriam os adormecidos. A força das criaturas noturnas crescia. Selvagens, comiam a tecnologia conquistada. Impediam que os sobreviventes se unissem, dificultavam estratégias conjuntas, ampliavam a separação. Não havia mais telefonia. Não havia mais rede de computadores. Não havia mais eletricidade. Raros eram os lugares seguros. Atacavam em bandos. Tomavam sangue. Tomavam vidas. A chegada da noite era o terror dos sobreviventes. Chamavam-se assim, sobreviventes, pois era o que eram. Sabiam que daqui para o fim dos dias era assim que se sentiriam. Meros sobreviventes. Gente que escapou do grande mal que dizimou o mundo conhecido. Eram agora como ratos acuados com medo de gatos gigantes. Gatos insanos, com presas afiadas e compridas, com sede de sangue. Tinham medo. A cada alvorecer oravam agradecidos ao céu por estarem vivos, por estarem sãos. A cada anoitecer muitos sucumbiam à loucura. Choravam desesperados. Com medo ou das criaturas noturnas ou de que caíssem no sono

e não mais se levantassem. E se essa noite se repetisse, tinham medo de acordar feito malditos, loucos pela escuridão e com medo do sol. Era difícil acreditar naquele mundo... uma fantasia tirada de livros antigos, de filmes perversos.

Adriano adentrou o pátio. O chão de terra batida exalava um cheiro agradável produzido pelo evaporar do orvalho. Oito motos estavam em pé, lado a lado, esperando por seus cavaleiros. Adriano olhou para seu time. Eram bons homens. Apenas um novato. Um soldado em formação. Não importava quão estúpido parecesse o iniciado, era sempre recebido como um irmão. Poucos tinham coragem de se unir à missão dos cavaleiros. Ligar as cidades. Continuar a comunicação. Uma tarefa perigosa. Para ser cavaleiro era preciso ter coragem. E eram tão poucos os que se dispunham a cruzar as estradas que, por essa razão, aceitavam o alistamento tanto de homens quanto de mulheres.

Adriano fez um sinal ao homem em cima do muro. Rodeou os companheiros e olhou para Paraná, em cima da moto, do lado esquerdo, enquanto prendia o capacete. O soldado de Nova Luz trazia um saco de lona, com mensagens e alguns presentes de pessoas da fortificação para o velho Bispo, o místico de São Vítor. Ia também com ele a lista de nomes de parentes e conhecidos adormecidos nos porões do Hospital Geral de São Vítor (HGSV). Paraná acionou a partida elétrica da moto. Adriano olhou para a moto à direita. Gaspar estava de cabeça baixa, olhos fechados, com os dedos pressionando as pálpebras, concentrado e movendo os lábios. Estava rezando. O asfalto esperava. A rodovia começava imediatamente após o portão. Menos nuvens cobrindo o céu. As estrelas perdendo o brilho com a chegada da manhã. Adriano respirou fundo. Apertou a presilha da mochila que vinha nas costas e checkou a bainha do facão preso à cintura. Guardou o rifle no coldre especialmente preso à moto. Uma moto esportiva, mil e duzentas cilindradas. A vermelhidão persistia no horizonte. Luz do sol. Olhou para os sete acompanhantes. Sorriu-lhes. Montou na moto e deu partida. Os soldados também ligaram os motores, todos potentes. Adriano colocou o capacete e repetiu o aceno ao guarda postado em cima do muro da fortificação. O portão começou a deslizar, dando aos homens a visão tão costumeira que tinham do terreno imediato à cidade. Nova Luz era cercada por mata atlântica, tão cerrada e repleta de altas árvores que a luz tardava a penetrar e chegar ao asfalto negro. Os oito cavaleiros aceleravam de maneira agressiva.

Mantinhm a embreagem puxada para que as motos não saíssem antes de o motor esquentar um segundo. Adriano era o “puxador”. Somente depois que ele cruzasse o portão, iriam atrás. Adriano olhava fixamente para o soldado do muro. Lá do alto, o colega observava a mata com um binóculo. Checou o posto de vigia, trezentos metros à frente. O vigia acenou, a estrada estava livre. Do alto do muro o soldado fez um sinal positivo para o motoqueiro líder. Adriano soltou a embreagem e disparou pelo asfalto umedecido pelo orvalho. Os motores roncaram e, um a um, formando uma fila, correram atrás do puxador. O tempo era tudo. As paradas seriam escassas. Tinham que comer chão e chegar na cidade destino, São Vítor, antes do anoitecer. Suas orações, antes de dormir, tinham durado, pelo menos, uma hora e meia de intensa concentração, pedindo uma coisa: estrada segura. Ao menos durante as horas de sol não precisavam se preocupar com os malditos noturnos, mas precisavam de caminho livre para chegar em São Vítor, não existia outra fortificação naquela rota. Oitocentos e noventa quilômetros até São Vítor. Saindo da estrada, cruzando a floresta, poderiam chegar a outros abrigos... mas motos não cruzavam florestas. Diacho de posto isolado o que foram escolher para morar! Não poderiam parar. Só assim para cobrir todo o trajeto sem cair no risco de ficarem na estrada durante as horas de escuridão. Com o sol recém-desperto, o ar ainda estava fresco e agradável. A estrada estendia-se sob as sombras das árvores abundantes. Folhas secas valsavam conforme a passagem feroz das máquinas velozes. Pelo retrovisor Adriano contou, ao menos, mais quatro de seus acompanhantes. Os demais vinham mais atrás, escondidos pela curva. Os faróis das máquinas ainda eram mantidos acesos. O coração do “puxador” estava acelerado. A adrenalina sempre ia às alturas quando deixava Nova Luz para uma missão. Era sempre uma aventura incerta percorrer a gigantesca distância que separava o lar fortificado da próxima vila protegida. O medo sempre o colocava alerta. Mas sempre vinha aquela energia. Aquela energia que o fazia sorrir. Uma satisfação quase masoquista em colocar-se em perigo, em fazer o sangue ser bombeado mais rápido nas veias. Uma gratidão expressa pelos hormônios quando colocava o corpo e a vida em risco. Era um viciado em estradas. Um viciado em aventura. Sabia que contra isso nada podia fazer. Era um soldado. Um cavaleiro.